

**Rasuras de Identidades no Conto “A Caligrafia de Deus”,
de Márcio Souza**

**Erasures of Identities in the Tale “A Caligrafia de Deus”, by Márcio
Souza**

Marilda Aguiar do Carmo^{1*}

* Universidade Federal do Amazonas, UFAM, Manaus - AM, 69067-005,
email: marilda09aguiar@gmail.com

Maira Iana Hoerle^{2**}

** Universidade Federal do Amazonas, UFAM, Manaus - AM, 69067-005, email:
maira_iana@hotmail.com

Raquel Aparecida Dal Cortivo^{3***}

*** Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Porto Velho - RO, 76801-058,
email: raqueldalcortivo@gmail.com

Resumo: Esse artigo consiste em uma análise sobre o processo de mutilação identitária da personagem Izabel Pimentel e do espaço urbano de Manaus no conto “A caligrafia de Deus”, de Márcio Souza. O objetivo dessa análise é evidenciar como o conto representa o processo de mutilação identitária e de aculturação pela protagonista, comparando-o com a extirpação sofrida pela cidade de Manaus com a implantação da Zona Franca, além de discutir conceitos de colonização e globalização que contribuíram para o surgimento de uma identidade fragmentada e multifacetada no sujeito pós-moderno. Para fundamentar este trabalho, utilizaram-se teorias das áreas literárias e sociológicas que abordam as relações entre literatura e sociedade, além de teorias pós-crítica sociológica, discutindo questões de identidade cultural pós-moderna. O recurso metodológico empregado na pesquisa foi bibliográfico e, através de análises de textos, procurou-se demonstrar o processo de mutilações tanto da personagem quanto do espaço urbano de Manaus. Com a análise, conclui-se que os protagonistas do conto são marginalizados e excluídos da sociedade por serem diferentes do padrão dominante, apontando, desta maneira, o colonialismo e a globalização como um processo negativo que rasura a identidade cultural tanto do indivíduo quanto do espaço colonizado.

Palavras-Chave: Identidade. Globalização. Acultramento.

¹ Mestranda, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades, PPGECH Universidade Federal do Amazonas, UFAM, Humaitá – AM, Bolsista da FAPEAM, Servidora do IFAM, campus Humaitá,

² Mestranda, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades, PPGECH Universidade Federal do Amazonas, UFAM, Humaitá – AM, Bolsista da FAPEAM, Servidora da SEDUC – AM,

³ Professora Doutora, Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Porto Velho – RO, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades, PPGECH, UFAM, Humaitá-AM,

Abstract: This article consists of an analysis of the process of identity mutilation of the character Izabel Pimentel and the urban space of Manaus in the tale “A caligrafia de Deus”, by Márcio Souza. The purpose of this analysis is to show how the work represents the process of identity mutilation and acculturation by the protagonist, comparing it with the extirpation suffered by the city of Manaus with the implementation of the Free Zone, in addition to discussing concepts of colonization and globalization that contributed to the emergence of a fragmented and multifaceted identity in post-modern subject. To support this work, theories from the literary and sociological fields that address the relationship between literature and society were used, in addition to sociological post-critical theories, discussing issues of post-modern cultural identity. The methodological resource used in the research was bibliographic and, through text analysis, we tried to demonstrate the process of mutilation both of the character and of the urban space of Manaus. With the analysis, it is concluded that the protagonists of the tale are marginalized and excluded from society because they are different from the dominant pattern, thus pointing out colonialism and globalization as a negative process that erases the cultural identity of both the individual and the space colonized.

Keywords: Identity. Globalization. Acculturation.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tece uma análise sobre a personagem Izabel Pimentel e o espaço – a cidade de Manaus – no conto a “A caligrafia de Deus”, do autor amazonense Márcio Souza. Márcio Gonçalves Bentes de Souza é natural da cidade de Manaus e possui relevantes trabalhos em torno da literatura regional, como, cineasta, diretor e romancista. “A caligrafia de Deus” faz parte do único livro de contos que o autor publicou, intitulado com o mesmo nome do conto, *A caligrafia de Deus*, tendo sua primeira publicação em 1994.

Embasado no campo teórico literário que discute a relação entre literatura e sociedade e no campo teórico pós-crítico sociológico que discute questões referentes à identidade cultural pós-moderna, pretende-se identificar como são representados os impactos na identidade do processo econômico globalizado que se desenha como palco para a narrativa. Assim, serão examinadas as personagens do conto e o espaço por onde transitam, ambos tocados, configurados e reconfigurados pela implantação da Zona Franca de Manaus. O processo de implantação da Zona Franca é decorrente dos ideais dominantes que buscavam a colonização e a exploração das diversas regiões mundiais na tentativa de integrar o estado do Amazonas a um complexo econômico hegemônico.

Nesse contexto, são inseridas algumas reflexões sobre literatura e identidade cultural, bem como conceitos de colonização e globalização que contribuíram para o surgimento de uma identidade fragmentada e multifacetada no sujeito pós-moderno. Na sequência, apresenta-se um breve panorama histórico sobre a implantação da Zona Franca de Manaus, para fundamentar a análise do conto a partir das personagens e do espaço urbano de Manaus.

1. REFLEXÕES SOBRE LITERATURA

Dentro das representações artísticas, a literatura é uma das formas mais antigas de representação da vida humana, pois a narrativa pode remontar a tempos remotos em que os homens registravam seus desenhos e suas escritas basilares nas paredes das cavernas, sejam em representações do mundo, sejam das próprias vidas.

Para Candido (2006, p. 30), as formas de representações da vida humana são discutidas pela crítica literária sociológica, na qual revelam que a arte/obra é marcada por quatro momentos da produção: “a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o sobre os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio”. Assim, a obra literária pode retratar desde cenas do cotidiano humano de determinadas culturas, até mesmo denúncias sociais ou angústias de ordem existencial.

É possível perceber que as obras literárias vinculam-se às tradições, aos valores, à história de diferentes povos, constituindo-se como ferramentas de propagação de conhecimento. Deste modo, as obras apresentam uma consolidação de ideais de diversos grupos e engajamentos políticos ou sociais de autores. Esse fato, (re)afirma o valor da literatura não apenas como material de fruição, mas também como documento histórico e educacional, não no sentido superficial do pragmatismo com que geralmente se compreende isso, mas no sentido profundo da formação cultural e humana que a arte promove.

À vista disso, a literatura apresenta-se como um instrumento de valorização ou segregação de identidades culturais, partindo do pressuposto de que uma obra literária é constituída a partir da perspectiva do autor inserido em uma realidade e tocado pelas ideologias que o acompanham.

Isso pode ser compreendido à luz da afirmação de Zilá Bernd a respeito das literaturas emergentes e de seu papel social:

Construindo-se como um desafio a instituição literária, as literaturas emergentes, às vezes ainda próximas de seu passado colonial (como por exemplo, as jovens nações africanas), estão destinadas a desempenhar um papel fundamental na elaboração da consciência nacional. Igualmente, a literatura dos grupos discriminados – negros, mulheres, homossexuais – funcionam como o elemento que vem preencher o vazio da memória coletiva e fornecer os pontos de ancoramento do sentimento de identidade, essencial ao ato de autoafirmação das comunidades ameaçadas pelo rolo compressor da assimilação (BERND, 2011, p. 15).

Esse ideário de uma literatura que desperte a consciência nacional vem sendo trabalhado desde o Romantismo, por meio das vertentes literárias indianista e regionalista no Brasil. O Indianismo procurou exaltar a figura do índio brasileiro, embora haja muita crítica sobre a forma como o índio foi representado nos primeiros romances brasileiros. Já o Regionalismo retratou cenas cotidianas e históricas das regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos.

Especificamente sobre o Regionalismo, Candido (1989) corrobora sobre a importância dessa vertente para a literatura. Segundo o crítico, focalizar a realidade local através dos romances e contos fez-se necessário à literatura brasileira, despertando a consciência de que o Brasil era um novo país e ao mesmo tempo um país subdesenvolvido.

Uma das principais características das obras literárias regionalistas ou de expressões regionalistas é a representação de cenas da vida dos sujeitos localistas. Cenas essas que expressam desde a vida sofrida nos sertões nordestinos (“Vidas Secas”, de Graciliano Ramos), perpassando pela exploração da borracha na Amazônia (“Inferno Verde”, de Alberto Rangel), ou pelas angústias das famílias que conviveram com a guerra dos Farrapos no Rio Grande do Sul (“A casa das sete mulheres”, de Letícia Wierzchowski).

Nos romances e contos regionalistas, é possível notar, também, a forma como o processo de colonização europeia mutilou identidades culturais de comunidades geograficamente mais afastadas, como os povos indígenas na Amazônia. Isso pode ser percebido tanto pela presença quanto pela ausência da representação crítica e problematizadora nas obras de temática regionalista, pois ambas denunciam modos de

ver as populações e os problemas locais das diferentes regiões. Assim, por um lado a estereotipia do elemento humano, nas obras realistas/naturalistas do século XIX, acabaram por imprimir uma visão distorcida ou simplistas das diferentes regiões brasileiras pela ótica eurocêntrica; por outro a retomada crítica dessa temática no século XX expõe e denuncia os prolongamentos do colonialismo e os impactos da exploração econômica sobre as populações e regiões distantes dos centros. Nesse movimento, o próprio termo regionalismo é discutido e problematizado, sendo considerado por alguns um estigma do exotismo com que tais temáticas sempre foram tratadas e por outros como marca identitária.

O autor amazonense Márcio Souza trata das cenas na Amazônia, em suas próprias palavras: “não como folclore, não como regionalismo, como é visto no sul do Brasil, a partir da leitura do regionalismo feito pelos nordestinos, mas sim a Amazônia como uma perspectiva crítica da história da região, inserindo também os povos indígenas” (SOUZA, 1990, *online*). Em seu conto intitulado “A caligrafia de Deus” é possível perceber como a globalização descaracterizou o modo de vida de muitos povos indígenas e ribeirinhos na região norte do Brasil.

1.2 GLOBALIZAÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL

Com a modernização das sociedades, o conceito de identidade torna-se mais debatido, principalmente, entre os sociólogos, considerando que a globalização infiltra nas sociedades modos de vida homogeneizantes que impacta os sujeitos e as sociedades. Segundo Stuart Hall (2006), no final do século XX, a globalização provocou uma ruptura na estrutura das sociedades modernas, o que ocasionou o surgimento de homens fragmentados e, conseqüentemente:

Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e

cultural quanto de si mesmos – constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo (HALL, 2006, p. 09).

Isto posto, fica evidente que na pós-modernidade, as identidades culturais passam a ser multifacetadas. Logo, as identidades fechadas e estáveis da modernidade tornam-se retrógradas, considerando o processo cultural de dominação europeia.

As várias possibilidades culturais e as dificuldades ocasionadas pelas relações sociais que inferiorizam e marginalizam os sujeitos que não conseguem se adaptar aos estereótipos sociais impostos, principalmente pela mídia, são fruto do capitalismo exacerbado na modernidade e pós-modernidade.

É histórico o sofrimento de diversos povos e de muitos países resultantes do processo de colonização para consolidar estados e nações modernas. Segundo Quijano (2005), o colonialismo é um processo de exploração e implantação de uma cultura dominante sobre seus colonizados e tem suas raízes no eurocentrismo⁴. Para o autor, a América Latina sempre foi colocada em posição de inferioridade diante das grandes potências mundiais pelo processo histórico e cultural dominador europeu.

Nesse contexto, Quijano (2005) afirma ainda que a raça foi um fator preponderante para definir as novas identidades que surgiram das relações sociais entre colonizador e colonizado. Com o advento do capitalismo, “raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população” (QUIJANO, 2005, p. 117).

Assim, a globalização, constitui-se como principal responsável por provocar ruptura nas estruturas das sociedades modernas ao buscar uma integração econômica, política e cultural no mundo. Quijano (2002, p. 01) afirma que: “Por suas características, na história conhecida esse foi o primeiro dos padrões de poder com caráter e vocação global”. Surge como um processo na busca da hegemonia econômica mundial e como fruto dessa relação de poder eurocêntrico, mutilando as identidades culturais existentes até nos lugares geograficamente mais afastados como a Amazônia, bem como impactando modos de vida tradicionais pela exploração econômica e transformando a identidade das cidades e dos indivíduos.

¹ Segundo Quijano (2005), o eurocentrismo está fundado na ideia de soberania cultural europeia em detrimento das demais culturas. Além de definir pela raça a relação de poder (dominante) e exploração (dominado), impondo-se como mundialmente hegemônica.

Deste modo, se na pós-modernidade podemos identificar representações de personagens com identidades perdidas e aculturadas, da mesma forma, a globalização gerou reconfigurações e mutilações em espaços culturais e naturais, como a cidade de Manaus, principalmente no período de implantação da Zona Franca.

O processo de globalização reconfigura o próprio espaço físico das cidades, fazendo com que, como observa Marc Augé, o espaço considerado antes um lugar “identitário, relacional e histórico” tenha essas marcas apagadas ou colocadas em segundo plano, dando origem a um espaço que “não se pode definir nem como identitário, nem como relacional nem como histórico [mas que] definirá um não lugar” (AUGÉ, 2012, p. 73). Se considerados os termos e a implantação da Zona Franca de Manaus, pode-se perceber a maneira como essa iniciativa assume aspectos do não-lugar.

2. IMPLANTAÇÃO DA ZONA FRANCA DE MANAUS

Várias foram as tentativas de integrar a Amazônia ao cenário econômico mundial e, assim, explorar e colonizar essa região. A primeira tentativa de integração ocorreu com a primeira fase (1879 a 1912) e segunda fase (1942 a 1945) de exploração da borracha. Esse ideal de integração ressurgiu com a implantação da Zona Franca a partir de 1967, por meio do Decreto-Lei nº 288, de 28 de fevereiro de 1967 no Governo Militar, “[...] objetivando desenvolver o Estado do Amazonas e integrá-lo ao complexo socioeconômico nacional” (BONFIM e BOTELHO, 2009, p. 13).

O “modelo econômico” de implantação da Zona Franca, conforme a história revela, ocorreu sob extremas condições de exploração de mão de obra nacional. Bonfim e Botelho (2009) afirmam que o crescente econômico da Zona Franca de Manaus despertou o interesse de migrantes de outros estados como Maranhão, Pará, Ceará e principalmente do interior do Amazonas, causando uma dicotomia entre o crescimento econômico da capital e as péssimas condições sociais: “Com as migrações, acumulou-se enorme passivo social que deu origem a uma sociedade dualista em que convivem lado a lado exclusão e riqueza. A dicotomia econômico-social resultante é péssima para a cidade” (BONFIM e BOTELHO, 2009, p. 22).

Além destes, instalaram-se empresas nacionais e estrangeiras em Manaus. Desde as fases de exploração da borracha na Amazônia, perpassando pela implantação da Zona Franca,

o Estado do Amazonas e sua capital sofreram um repentino e infeliz processo de colonização em prol de um desenvolvimento marcado pela exploração. Manaus desenvolveu-se muito economicamente, porém não houve investimento em serviços sociais básicos para atender a demanda populacional gerando um estado caótico de degradação identitária na cidade. Dentre as ausências de serviços sociais básicos estão a falta de saneamento, segurança, infraestrutura, saúde, educação e transporte público.

A cidade viu repentinamente seus limites serem modificados e sua relação com determinados espaços ser modificada rapidamente, como ocorreu com as margens do Rio Negro que foram preparadas para receber instalações de portos e serviços. Muitas terras foram obtidas por meio da desapropriação, portanto, desalojamento das pessoas que ali viviam.

Nesse contexto, percebe-se que o processo de colonização, exploração e desenvolvimento da região, parecia voltado sobretudo aos interesses econômicos das grandes indústrias que além dos incentivos fiscais, buscavam na região a mão de obra barata. Os impactos desse empreendimento foram muitos, pois embora tenha havido o desenvolvimento econômico, houve também a criação de bolsões de miséria e a degradação do espaço natural e urbano, cujos prolongamentos podem ser percebidos nos aspectos identitários locais que foram transformados para se adequarem a modelos ditados pela elite.

3. PROCESSO DE MUTILAÇÃO CULTURAL DA PERSONAGEM IZABEL PIMENTEL

O conto “A Caligrafia de Deus”, de Márcio Souza, apresenta como temática principal a mutilação da identidade cultural por meio do processo de colonização e urbanização tanto da personagem principal, uma anti-heroína⁵ chamada Izabel Pimentel, quanto do espaço em que parte da narrativa se desenvolve, na cidade de Manaus.

⁵ “Designa o protagonista de romance que apresenta características opostas às do herói do teatro clássico [...]. O seu aparecimento resultou da progressiva desmitificação do herói, ou seja, da sua crescente humanização” (MOISÉS, 2004, p. 28). No conto, a protagonista Izabel Pimentel não possui as características previsíveis a uma heroína, ao contrário, ela vai sendo descaracterizada de forma grotesca fisicamente e moralmente ao longo da narrativa.

Segundo o conto, a personagem principal era filha do índio Pedro Pimentel, da tribo baniwa, e de Maria Pimentel, da tribo tukano. E, desde seu espaço natural, a pequena cidade de Iauareté-Cachoeira no interior do Amazonas, Izabel Pimentel já sofria a pressão imposta pelo colonialismo. Essa pressão pode ser identificada quando Izabel Pimentel é repreendida e punida pela personagem Madre Lúcia, na Escola Salesiana da Missão de São Miguel, por expressar comportamentos e tradições indígenas, atitudes essas repugnadas pela Madre:

Por isso, na escola da Missão, Madre Lúcia, os olhos verdes como cascas de tucumã, estaria sempre a dar-lhe cascudos com uma sineta e a chamá-la de maneira louca. Izabel Pimentel subia nas goiabeiras e comungava com o estômago cheio todas as manhãs, o que era uma prova de loucura. Madre Lúcia se impacientava com ela, que nunca aprendia a soletrar, nem decorava as palavras em italiano do hino de Nossa Senhora Auxiliadora. Na sala de aula, Madre Lúcia chamava Izabel para o quadro-negro e se aborrecia quando notava que ela estava lambendo os dedos sujos de giz (SOUZA, 2010, p. 129).

O movimento de dominação é ideológico e inicia-se pela desqualificação de Izabel pelo signo da loucura que lhe é atribuído por Madre Lúcia. O comportamento de Izabel é considerado uma blasfêmia. Seu corpo de estômago cheio “profanava” o sagrado da missa “o que era uma prova de loucura” (o conto evoca a definição de Foucault, em a **História da Loucura**, 2008). Desse modo, Madre Lúcia tenta moldar não somente o comportamento de Izabel, como também seu próprio corpo. Ou, dizendo de outra forma, tenta moldar-lhe o comportamento por meio do castigo (cascudos) e da modificação do corpo. Em determinado momento do conto, é exatamente a personagem de Madre Lúcia quem propõe a Izabel Pimentel que substitua seus dentes amarelados e desproporcionais por um par de prótese com dentes brancos e alinhados, em troca da prestação de serviços pesados na roça: “Madre Lúcia havia dito que com isso ela poderia ficar uma perfeita moça da cidade, com um sorriso parecido com os das moças das revistas de fotonovelas” (SOUZA, 2010, p. 131).

Desta forma, percebe-se que se materializam no conto os aparelhos ideológicos de estado: a Igreja e a Escola, onde inicialmente ocorre o contato com a figura do colonizador, condensada no conto por Madre Luzia (a freira e a professora) e pelas revistas do Rio de Janeiro. Assim, aos poucos, Izabel Pimentel começa a recusar sua identidade cultural indígena e sua própria imagem ao admirar o sorriso das moças dos

grandes centros urbanos, a ponto de retirar todos os seus dentes para ficar com um sorriso estereotipado: “Uma noite Izabel [...] chegou à conclusão que só por loucura alguém podia chamar de dentes aquelas presas que ela tinha na boca” (SOUZA, 2010, p. 131).

O autor faz uma dura crítica no conto aos padrões estéticos sociais impostos principalmente pela mídia, que se tornou uma ferramenta de poder extremamente limitadora das imposições estéticas a partir do século XX, desconsiderando as diversidades culturais existentes no mundo e, conseqüentemente, firmando-se como um ideal alienante e excludente. Deste modo, a mídia, uma das ferramentas da globalização, aparece para Izabel Pimentel por meio das revistas de fotonovelas e acaba por incitar um processo de aculturação nessa personagem durante a narrativa.

Essa transformação estética afetou negativamente a vida de Izabel Pimentel, pois nenhum jovem de Iauareté-Cachoeira queria beijá-la. Aos poucos é excluída do convívio social das famílias locais e, a convite de Madre Lúcia, aceita ir trabalhar em Manaus. É importante frisar que a perda dos dentes da personagem é simbólica, pois biologicamente os dentes são considerados a parte mais resistente do corpo humano. Logo, a perda dos dentes de Izabel Pimentel representa a mutilação de sua identidade cultural ou o acultramento. A protagonista perde sua “essência”, vê modificada irreversivelmente sua imagem, seu corpo e fica passível de dominação.

A presença de Madre Lúcia ainda evidencia o papel da religião no processo histórico da colonização. Desse modo, o próprio título do conto aponta para a construção ideológica que reforça o conformismo implantado nos colonizados pela empresa colonizadora, pois a máxima de que “Deus escreve certo por linhas tortas” é repetida pelo narrador ao longo do conto, para evidenciar que o processo de aculturação missionária propagou a ideia de conformismo entre os colonizados. Além disso, tal repetição, como um *leitmotiv*, que configura na medida em que o enredo se desenvolve a ironia central do conto, aglutina o *nonsense* que se traduz na recorrência da palavra loucura ao longo do enredo.

Em Manaus, Izabel Pimentel não se adaptou a escola Salesiana para a qual foi trabalhar e fugiu, além de não ter se adaptado ao emprego de operária na fábrica na Zona Franca de Manaus. A alternativa que lhe restou foi frequentar uma boate noturna tornando-se prostituta e mais um produto de consumo, segundo o capitalismo. Nessa boate conheceu Alfredo Silva, conhecido popularmente pelo apelido de Catarro, um personagem também com identidade cultural perdida que buscava sobreviver de trapaças

na capital manauara. Assim, nota-se no conto que, tanto Izabel Pimentel quanto seu companheiro Catarro são marginalizados nesse centro urbano. Apresentam-se como personagens que buscam integrar-se à sociedade, principalmente por meio do uso de padrões da moda, tendência meramente capitalista, mas viviam em condições sociais ínfimas, como é possível observar na descrição da casa no início da narrativa:

Uma casa de tábuas cinzentas e retorcidas pela chuva e pelo sol. Na loucura da zona Franca, o povo era tão afável na sua ironia que chamava aquilo de casa. Tinha muito capim-serra, urtiga, um pé de mamoeiro e uma velha mangueira quase sem folhas. A casa, coberta de palha, devia ter goteira como o diabo. Um rego de água fedida atravessava os calombos da rua e fazia um mapa escuro do barro seco (SOUZA, 2010, p. 123).

A Zona Franca é tomada como contexto para a inserção do casebre no conto. É a “loucura” gerada pela implantação da Zona Franca que leva o “povo” a considerar aquele espaço insalubre apto para a moradia. Com isso, o conto expõe o impacto social e humano do processo de globalização promovido em Manaus.

Observa-se ainda que, durante toda a narrativa, as personagens principais apresentam-se com elementos de grifes, o que simboliza tanto a alienação da identidade primeva quanto a busca de forjar uma nova identidade adequada ao espaço atravessado pelos produtos. Entretanto, tais produtos acentua a exclusão social dos protagonistas personificada pela morte de ambos. O uso desses elementos de grife, tanto por Izabel Pimentel como por Catarro, sugere que a integração na sociedade de consumo globalizada resulta na perda da identidade cultural, o que pode ser observado na descrição de Catarro:

[...] que usava um par de botas negras, uma calça Levi’s cor de vinho, camisa colorida de Hong Kong e óculos escuros. Em todo o bairro do Japiim, onde sempre viveu desde que chegou a Manaus, era o único rapaz que usava botas e óculos escuros. Que soubesse, era realmente o único e para ele isso ao mesmo tempo era o máximo de integração aos costumes da capital e uma expressão de virilidade (SOUZA, 2010, p. 138).

Através do uso de adereços modernos para a época, Catarro busca integrar-se à sociedade, vestindo roupas de outra cultura e despindo-se de sua identidade. Outro elemento que merece ser enfatizado é o conceito de como a moda pode influenciar nas características de uma pessoa, pois Catarro compreendia que ao adotar os costumes da

cidade tornava-se mais viril. Na impossibilidade de o protagonista ficar sem identidade, ele passa a vestir-se da cultura do outro. Isso reflete um dos principais objetivos do capitalismo que é a implantação do consumismo e a criação de mercados consumidores através da moda para escoar o excedente de mercadorias.

Nesse contexto, também a morte de Izabel Pimentel simboliza a perda identitária e a exclusão social, anunciadas já na marca da loucura adquirida na infância. A personagem vive perdida em um grande centro urbano que não integra aqueles que estão fora do padrão social dominante. Afinal, quem era Izabel Pimentel? Para aquela sociedade era apenas uma índia louca que não estava dentro dos padrões de beleza ditados pela mídia. Assim, percebe-se que essa personagem tem primeiramente seu espaço natural invadido pelo colonizador, em seguida tem seu espaço pessoal e subjetivo descaracterizado e desqualificado, sofre o processo de mutilação de seus dentes e, por fim é morta pela polícia na zona periférica de Manaus.

4. RECONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE MANAUS COM A IMPLANTAÇÃO DA ZONA FRANCA

O conto “A caligrafia de Deus” apresenta não apenas a mutilação identitária das personagens, mas, também, do próprio espaço narrativo, a cidade de Manaus, que já sofria transformações em sua arquitetura pelo processo de modernização e pela grande quantidade de imigrantes desde a época da exploração da borracha.

Com a implantação na Zona Franca, Manaus começa a receber um número maior de pessoas para trabalharem nas fábricas e em outros ramos empresariais, como consequência disso, a cidade vai sendo desfigurada em virtude dessa modernização ocorrer de maneira rápida e fortuita. Desta maneira, semelhante a personagem Izabel Pimentel, a cidade de Manaus vai tendo sua imagem desfigurada na mesma proporção e sofrendo uma transformação negativa em relação ao espaço urbano, como se pode constatar na narrativa:

Na loucura da Zona Franca o povo era tão afável na sua ironia que chamava aquilo de bairro. Em dez anos, aquelas colinas suaves cortadas por um igarapé viram desaparecer os buritizais e a mata quase cerrada, as chácaras e os banhos, para dar lugar a um conjunto habitacional do BNH e às adesões provocadas pela iniciativa particular dos ribeirinhos

que chegavam com a anual subida das águas. O conjunto habitacional nunca ficaria pronto, e era um inferno de calor e poeira ao meio-dia, uma geladeira tropical de umidade e bruma durante a noite. Nada mais restava da antiga mata e o deserto estendia-se pelo lado das casas dos ribeirinhos. Nos meses de chuva, formava-se um atoleiro que era um verdadeiro nirvana para os porcos; nos meses sem chuva, uma paisagem marciana como todo o charme de um barro avermelhado que empoava as crianças e as galinhas. (SOUZA, 2010, p. 124).

A cidade até então marcada por seus verdes naturais é transformada por conjuntos habitacionais, fábricas, barracos e poluição, tornando-se precária. Tal como Izabel, Manaus parece ter nascido sob o signo da crise de identidade, atravessada pelo elemento estrangeiro. Desse modo, a extirpação da mata é similar à extração dos dentes de Izabel, pois “Nada mais restava da antiga mata e o deserto estendia-se pelo lado das casas dos ribeirinhos” assim como a boca de Izabel se transformava em “caverna flácida” (SOUZA, 2010, p. 132) ou podia ficar “vazia como a de uma velha a qualquer momento” (SOUZA, 2010, p. 133). Para os indivíduos marginalizados, representados por Izabel Pimentel e Alfredo Silva (Catarro) que migraram para Manaus em busca de melhores condições de vida o espaço reservado foi um bairro improvisado por trás da Zona Franca, pois pelas suas condições sociais não poderiam residir nos demais bairros da cidade, ocupados pelos grandes empresários e investidores da Zona Franca. Assim, o espaço urbano reservado foi outra cidade, anexa à cidade de Manaus, construída para os indivíduos excluídos socialmente, chamada de bairro Japiim.

O fato é que essa migração maciça causou um profundo caos na cidade de Manaus, que não havia se preparado para esse repentino desenvolvimento. E, quem mais sofreu diante desse caos urbano eram os menos favorecidos que viviam em extrema pobreza e violência, conforme se pode notar no seguinte trecho do conto: “Mas uma cidade onde, proporcionalmente, se cometiam mais assaltos que em Nova Iorque e só pela loucura da Zona Franca seus habitantes ainda teimavam em chamá-la de cidade pacata [...]” (SOUZA, 2010, p. 137).

Sobre essa questão caótica oriunda da implantação da Zona Franca, Ramos (2014, p. 131) evidencia:

Ao olhar para a cidade de Manaus, constatou-se o caos urbano devido ao êxodo rural, produzido na cidade, que não se preparou para receber toda essa contingência de mão de obra vinda com o advento da Zona Franca, sendo estes novos habitantes obrigados a morar em palafitas, bairros sem

estruturas, tendo subempregos, onde construiriam uma cidade que corporificaria o duplo objetivo de colonização e exploração.

A aglomeração de ribeirinhos e aculturados que migraram para Manaus nesse período favoreceu ainda mais o processo de exploração, considerando a mão de obra barata e desqualificada. Essa ideia de exploração dos marginalizados é histórica, estando enraizada no eurocentrismo que durante anos tentou eliminar indígenas e negros impondo sua cultura e desvalorizando os habitantes nativos nas regiões colonizadas. O fato é que desde a exploração da borracha, a elite de Manaus tinha o ideal de transformar tanto o espaço urbano da cidade, modernizando-a, quanto excluir os traços indígenas e negros da população que caracterizava a cidade até aquele período.

Com a implantação da Zona Franca, a elite dominante consegue mão de obra barata e coloca os novos habitantes em situação de extrema exploração e indignidade. O que pode ser observado na descrição do ambiente de trabalho de Isabel Pimentel na fábrica, que também era chamada de Índia Potira:

A Índia Potira tinha fugido do colégio Salesiano e conseguira um emprego de operária num dos turnos da fábrica de fitas cassete Sayonara Eletrônica. Um emprego que lhe arrasava totalmente a disposição. Era uma loucura para a Índia Potira, com sua dentadura, passar oito horas num cubículo iluminado a néon, com dois ventiladores que soltavam ar quente, entre divisões de grades de arrame, soldando intermináveis transistores em circuitos impressos, ou adicionando pinos de plástico em envoltórios para fita cassete (SOUZA, 2010, p. 124).

O processo de modernização de Manaus, através da implantação da Zona Franca, com o objetivo principal de desenvolver e integrar a economia local ao modelo econômico proposto pelo governo em 1967, desempenhou uma função de exploração maciça dos migrantes que buscavam refugiar-se na capital do estado em busca de melhores condições de emprego e de vida. Transformou a identidade de Manaus, de uma cidade simples e pacata para uma capital economicamente resistente e caótica, no qual o espaço urbano foi descaracterizado de maneira grotesca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de colonização sempre trouxe graves consequências para a vida das pessoas, pelo fato de visar apenas o desenvolvimento econômico em detrimento da exploração dos menos favorecidos. A forma como a origem da personagem Izabel é descrita no conto já aponta para essas consequências. Some-se a isso a apresentação do progresso súbito que afeta de modo significativo a vida das pessoas e o espaço colonizado. No conto, seja pelo discurso religioso (Madre Lúcia), seja pela mídia (Revistas do Rio de Janeiro), vende-se uma ideia de modernização que não revela os ideais embutidos nesse processo.

Izabel Pimentel e Catarro são representantes do povo que marcado pela expropriação de sua própria identidade, busca uma alternativa ao acultramento pelo modelo eurocêntrico. Ambos são apresentados no conto como “O primeiro cadáver” e “O outro cadáver”, o que os torna personagens duplamente marginalizados. Estão à margem, pois não tem vez na sociedade revestida por um padrão estético dominante e homogêneo pelos elementos estrangeiros e globalistas e são colocados à margem da própria existência, excluídos da vida, mortos por serem “loucos”. Assim, o próprio espaço urbano é descaracterizado ou mutilado para atender aos anseios do progresso e as partes feias são, tais como os corpos considerados feios, invadidas e agredidas na tentativa de saneá-las para o bem-estar não daqueles que ali habitam, mas daqueles que se beneficiam delas.

A cidade de Manaus teve seu espaço urbano violado a cada tentativa de integração ao cenário econômico mundial. Na mesma proporção, a personagem Izabel Pimentel também era violada a cada revista na saída da fábrica ou a cada cliente que atendia na boate noturna.

O conto “A caligrafia de Deus” tece uma crítica à questão do colonialismo e à globalização que rasura a identidade tanto do indivíduo quanto do espaço colonizado. Evidencia o acultramento, as imposições dos padrões dominantes e a forma como se implanta o conformismo das personagens diante das determinações hegemônicas. Portanto, expõe a exclusão social dos sujeitos que não conseguem acompanhar esse processo hegemônico e são eliminados por sua “diferença”. O próprio título é simbólico e refere-se a essa ideia de conformismo difundida pela igreja, principal instrumento do colonialismo, de que cada sujeito tem que aceitar seu destino sem questionar.

A partir da análise do conto, é possível identificar rasuras de identidades de personagens que representam sujeitos amazônicos, os quais tiveram suas culturas e

espaços reconfigurados ou até mutilados pelo processo de colonização. Essas cenas representadas por Márcio Souza, infelizmente, não fazem apenas parte da história da região, ao contrário, elas expressam problemáticas atuais vividas pelo homem amazônico como, por exemplo, as queimadas que estão destruindo as florestas nativas e afetando negativamente o modo de vida dos povos indígenas e ribeirinhos que vivem próximos às áreas atingidas pelo fogo e pela fumaça. Assim, o autor consegue fugir da transfiguração estereotipada da região e aborda de maneira crítica a história e os temas da Amazônia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução Maria Lúcia Pereira. 9. ed. São Paulo: Paoirus, 2012.
- BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.
- BONFIM, Ronaldo; BOTELHO, Lissandro. **Zona Franca de Manaus**: condicionantes do futuro. Manaus: Editora Valer, 2009.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo. Editora Ática, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva. 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, globalização e democracia. **Novos rumos**, ano 17, n. 37, 2002. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos_de_comunicacao/NOR/NOR0237/NOR0237_02.PDF. Acesso em: 09 ago. 2020.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: CLACSO, CONSEJO LATINOAMERICANO DE CIENCIAS SOCIALES, 2005, Buenos Aires. **Anais** [...]. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 09 ago. 2020.
- RAMOS, Cláudia de Socorro Simas. O processo de perda da identidade cultural, através da colonização e do espaço urbano, no conto "A caligrafia de Deus", de Márcio Souza. **Revista Decifrar**: uma Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa da UFAM (ISSN 2318-2229), Manaus, v. 2, n. 4, jul/dez. 2014. Edição Especial: Amazônia. Disponível em: <http://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/Decifrar/article/view/1063>. Acesso em: 09 ago. 2020.
- SOUZA, Márcio. A caligrafia de deus. In: TELLES, Tenório.; KRÜGER, Marcos Frederico (org.). **Antologia do conto do Amazonas**. 3. ed. Manaus: Editora Valer, 2010.

SOUZA, Márcio. Grandes entrevistas. Entrevistado no programa Roda Viva, da TV Cultura, em 04/06/1990, sob o comando de Rodolfo Konder, com participação de Felipe Lindoso, Jefferson Del Rios, Alexandre Machado, Djalma Limongi Batista, Júlio Carlos Duarte, Deonísio da Silva, Rinaldo Gama e Ricardo Amaral. Degravação. Disponível em: <<https://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/MarcioSouza.htm>>. Acesso em: 25 ago. 2020

Data de recebimento: 09/09/2020
Data de aprovação: 10/12/2020